

Fazer um Programa de Rádio na Escola em Seis Etapas

<https://doi.org/10.21814/uminho.ed.180.24>

Iolanda Ferreira

Coordenadora de conteúdos de atualidade para público jovem, lineares e digitais
iolanda.ferreira@rtp.pt

É possível aprender a construir um programa de rádio em seis etapas.

Imagina um Jogo da Glória. Tem um caminho, até pode haver retrocessos, mas o importante é todos poderem chegar ao fim. Partindo do princípio de que vão lançando os dados e avançando sempre, o caminho é este:

Pensar – “Qual É o Programa que Falta?”

Pensar é fundamental para tudo na vida e também para construir um conteúdo. Se queremos construir uma casa, primeiro temos de pensar – de um piso ou dois? Com quantos quartos? Com que materiais? Onde? Queremos que seja amiga do ambiente e tenha painéis solares? Um programa de rádio também precisa de um plano, neste caso, de um plano de produção. O primeiro passo é pensar no programa que gostaríamos de fazer. E, se possível, pensar em conjunto – quando várias cabeças pensam, as possibilidades de a criatividade aumentar são maiores. No processo criativo, tudo é válido. Apontem todas as ideias, mesmo que possam parecer tontas. Aliás, não há ideias tontas, apenas mais ou menos concretizáveis. A soma de muita imaginação pode dar uma ideia incrível. E estejam atentos a tudo – um filme ou, até, um folheto de supermercado, podem transformar-se em musas inspiradoras e dar pistas para adaptar, mediante a audiência e o objetivo.

Fazer um Projeto – “Perguntas e Mais Perguntas”

Esta é a fase da pré-produção. Encontrada a ideia, traçados os objetivos, definido o público-alvo e o que queremos comunicar é chegado o momento de desenhar o

projeto da “casa”. Começar pela base costuma resultar. Importa, desde logo, dar nome ao programa. O nome tem de ser apelativo (também do ponto de vista sonoro), porque será através dele que os ouvintes terão uma primeira impressão do conteúdo.

Começar pela estrutura significa, também, definir o formato. Há alguns conjuntos de questões que podem ajudar: diário, semanal ou mensal? Informativo, documentário, de entretenimento? Formato curto, médio, longo? Isto é: um minuto, 20 minutos ou uma hora? Com estas questões resolvidas, surgem outras. É preciso decidir como vai ser o indicativo (o genérico do programa, o que o identifica) e a introdução – uma música sempre no início? Uma abordagem ao tema antes do indicativo? Um resumo? Sons de arquivo? Vários temas? Separadores entre eles? Se sim, que tipo de áudio? E que tipo de música, caso haja? Clássica, do mundo, pop, instrumental, entre outros. E no final do programa, um “gancho” para o próximo episódio? Ou seja, algo que faça com que o ouvinte queira ouvir o próximo episódio.

Escrever o Guião – “Alguém Tem um Papel?!”

É chegada a altura de passar para o “papel”. Mas, para isso, é preciso investigar sobre o tema, reunir o máximo de informação útil possível. Uma coisa é lançar um palpite, outra é ter a responsabilidade de dar informação correta, com qualidade e rigor, ao ouvinte. Por exemplo, se quisermos fazer um programa sobre culinária, não basta saber meia dúzia de receitas de cor, é necessário saber mais sobre o tema, colocar convidados a falar sobre o assunto ou outras possibilidades. E pensar na ordem em que tudo vai acontecer, no que vai ser dito e como vai ser dito. Um guião é isso. Apesar de quando ouvimos rádio parecer que as pessoas estão a falar de cor, espontaneamente, os radialistas têm uma expressão que utilizam muito: “o melhor improvisado é o que está escrito”. É então fundamental pôr em palavras as ideias e o que aprendemos com a pesquisa. A escrita é uma arte sem limites e funciona com a força da imaginação. No guião devemos também ir assinalando onde entram os separadores, as trilhas, efeitos, as músicas, sons de arquivo, as entrevistas, os tempos de cada elemento, e por aí adiante.

Gravar – “1, 2, 3... 1, 2, 3...”

Tudo definido, guião escrito, o passo seguinte é a gravação. Podemos ter o melhor texto do mundo, mas se não o gravarmos, ninguém sabe que ele existe. Temos de o gravar, de o materializar. E, assim, o guião transforma-se num programa de rádio. Hoje, há telemóveis que já permitem gravar som com qualidade, ainda assim, convém ter um microfone associado. Também é importante escolher um sítio onde não haja ruído e que não faça eco. A qualidade do áudio é fundamental.

Fazer a Sonoplastia – “Quem Quer Desenhar com Sons?”

Esta etapa pode designar-se, também, por “desenho de som”. Em rádio, é da responsabilidade dos sonoplastas, que são como cientistas num laboratório – as experiências

que fazem envolvem sons, música e voz. À falta de um sonoplasta profissional há programas de tratamento de som digitais, de acesso aberto, que podem ajudar nesta tarefa. É mais ou menos como um puzzle: inserem-se todas as peças que constituem o programa (locuções, músicas, efeitos sonoros, etc.), organizam-se numa sequência lógica e eis que o programa nasce.

Emitir – “Estamos no Ar!”

O programa está agora todo bonitinho, fechado, sonorizado, com um lacinho por cima. O que falta? Distribuir, transmitir para que os ouvintes o possam escutar. Hoje a distribuição pode não passar por um canal de rádio tradicional, em FM, mas por plataformas digitais, agregadores de podcast, sites, entre outros. Fazer uma emissão de rádio é lançar “para o ar” o programa que acabámos de produzir e espalhar histórias pelos ouvidos do mundo.

Uma Frase Sobre a Rádio

“A rádio afeta de forma mais íntima, de pessoa para pessoa, oferecendo um mundo de comunicação tácita entre o escritor-locutor e o ouvinte” (McLuhan, 1964, p. 241).

Nota!

As músicas e os sons podem ter direitos de autor. Para usá-los pode ser preciso pagar um valor à Sociedade Portuguesa de Autores, sob pena de se ter que pagar uma multa. Tal como há bancos de imagens, na internet há também sites que disponibilizam músicas ou sons *royalty free*, ou seja, que não é preciso pagar para usar.

Referências

McLuhan, M. (1964). *Understanding media: The extensions of man*. McGrawHill